



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

VIOLAÇÃO: RODOLFO TEÓFILO E O CÓLERA-MORBO

Mayara de Almeida Lemos*

O AUTOR

Nascido em 1853, filho do médico Marcos José Teófilo, Rodolfo Teófilo foi farmacêutico, escritor, sanitarista e industrial. Em sua residência, que funcionava como botica e laboratório, fabricava além dos remédios, xaropes e vacinas, algumas bebidas de sua própria criação, como a cajuína e a laranjinha, uma variedade da aguardente.

Seu pai, Marcos José Teófilo atuou no combate às epidemias, de febre amarela e cólera morbo, como médico da pobreza, contratado pelo governo da Província do Ceará para tratar os habitantes de Baturité, Aracati e Maranguape. Com o falecimento do mesmo, Rodolfo iniciou os estudos, que foram custeados por familiares. Posteriormente teve que interrompê-los e trabalhar para prover o sustento de sua madrasta e de suas irmãs.

Através de muito esforço conseguiu realizar o curso de Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, em seguida retornou ao Ceará e estabeleceu sua botica. Rodolfo Teófilo é célebre na história do Ceará por sua atuação no combate à epidemia de varíola, quando passou a fabricar a linfa vacínica - que anteriormente vinha de outras

* Especialista em Perspectivas e Abordagens em História pela Universidade Estadual do Ceará, atualmente cursando Mestrado Acadêmico em História pela mesma instituição, bolsista pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap.

províncias e tinha eficácia duvidosa em virtude da deterioração sofrida durante as longas viagens de navio -, e promover a vacinação da população de Fortaleza.

Homem de caráter reservado, desde jovem manifestou interesse pelas letras, em especial pela poesia, o que resultaria na publicação de 28 obras de sua autoria, divididas em romances, contos, história, crítica literária, didáticas, crônicas, memórias, poesias e uma novela, a qual abordamos no presente estudo.

A marca de seus escritos é a forte descrição da realidade, pois o mesmo via na escrita uma forma de expor os fatos de forma verdadeira. Contudo, suas obras receberam muitas críticas na imprensa, que apontavam deficiências em seu estilo literário, na forma como construía suas narrativas. O cientificismo e sua atuação enquanto intelectual engajado são essenciais para a compreensão de suas obras, que não apenas descreviam, mas também denunciavam o descaso das autoridades para com a população.

A OBRA

2

Publicada em 1898, e reeditada em 1979 juntamente com o romance “A fome”, esta novela é um misto de autobiografia com ficção, onde o autor conseguiu mesclar história e literatura em uma narrativa fluida e curta, pois é composta por apenas 22 páginas e organizada em quatro capítulos.

Dividida em dois planos narrativos, a novela traz nos dois primeiros capítulos as memórias dos acontecimentos por ele vivenciados, quando aos nove anos de idade presenciou a epidemia de cólera na cidade de Maranguape, enquanto os dois últimos capítulos narram uma cena, em que o cadáver de uma noiva é estuprado por dois carregadores de defuntos, bêbados, enquanto o noivo, conduzido ao cemitério ainda vivo, assiste a tudo sem poder se mover para defender o corpo da moça.

A cidade de Maranguape¹, conforme a estatística apresentada pelo Barão de Studart, foi o cenário onde a epidemia fez o maior número de vítimas fatais: 1960,

¹ Localizada na região metropolitana de Fortaleza.

seguida por Icó, na região centro-sul, com 1400 vítimas, e Crato, ao sul do Ceará, com 1100 óbitos de coléricos.

O CÓLERA EM MARANGUAPE: CAUSAS, MEMÓRIAS E BRUTEZA HUMANA

Eu era bem criança; tinha apenas nove anos,
mas conservo estereotipado em mim tudo
que vi daquela medonha peste.
TEÓFILO, 1979: 236

Segundo Rodolfo Teófilo, Maranguape, em 1862, possuía cerca de cinco mil habitantes e o único médico atuante no início da epidemia era seu pai, o Dr. Marcos José Teófilo, formado em Medicina pela Faculdade da Bahia. Nesse período Rodolfo era um menino, de nove anos de idade, e as cenas que presenciou durante o surto epidêmico de cólera ficaram marcadas em sua memória.

Violação inicia-se com o horror, o medo, vivenciado pela população diante das notícias assombrosas acerca dos estragos causados pela doença em cidades vizinhas. O cenário é de uma cidade em alerta, onde o pânico teria tomado conta de todos, propagado inclusive pela imprevidência do poder público, que não hesitava em publicar as notícias sobre o caminhar do cólera no Ceará, pois “os poderes públicos, não compreendendo a influência perniciosa de semelhantes novas, as divulgavam abatendo assim mais o ânimo dos que iam gozando as imunidades do contágio” (TEÓFILO, 1979: 236).

O medo, para Rodolfo Teófilo e grande parte dos médicos coevos, era um dos fatores que predispunham a população a adquirir a doença, pois se acreditava que a diminuição do ânimo resultava no enfraquecimento do organismo.

Além do medo incutido na população, Rodolfo defendia que a localização da cidade contribuía para o desenvolvimento da doença. A crença na teoria miasmática - segundo a qual a origem das doenças se dava por meio da inalação de ares contaminados por matérias orgânicas em decomposição, bem como por locais pútridos, contendo água estagnada - pode ser observada na justificativa que o mesmo dá para a propagação da doença em Maranguape:

A posição topográfica da localidade, longe de nos dar uma certa imunidade, pelo contrário, favorecia a procriação dos micróbios do mal, pois que a vila estava edificada num estreito vale, cercada de montanhas. O vento que é o veículo do cólera, o deixaria ali, e o bacilo da peste se desenvolveria e mataria à vontade. (TEÓFILO, 1979: 236-237)

No período em que a novela foi escrita já ocorriam as discussões sobre os micróbios, baseadas nos estudos de Louis Pasteur, assim Rodolfo mescla, no trecho apontado acima, o conhecimento sobre a existência de micróbios com a teoria miasmática, o que demonstra que o surgimento de uma teoria não invalidou a outra de imediato, pelo contrário, ambas coexistiram, e em alguns casos os miasmas continuavam tendo preponderância no rol de explicações para as doenças.

Estas eram as causas do cólera no ponto de vista científico da época, no entanto, havia ainda outra explicação que acreditava na doença enquanto castigo divino, como se Deus tivesse enviado o cólera para puní-los por seus pecados. Rodolfo Teófilo designou a população em geral como *ignorantes fanáticos*, pois a percepção da doença enquanto castigo resultava em uma postura peculiar que pregava ao invés de resistir à doença, as pessoas deveriam permanecer firmes diante do castigo enviado, “recebê-lo de cabeça baixa e não procurarmos fugir dele” (TEÓFILO, 1979: 248).

Ateu declarado, o autor criticou a atitude da população diante das notícias da epidemia, “pois rezavam, ao invés de estabelecerem rigorosos cordões sanitários”. A religiosidade, “derradeiro recurso dos abandonados”, ficaria marcada na memória de Rodolfo Teófilo através da lembrança das penitências realizadas na igreja matriz de Maranguape, onde os fiéis se reuniam para suplicar misericórdia a Deus. O vozerio dos fiéis causava medo no menino, que procurava refúgio em seu quarto para não ouvir as orações pronunciadas incessantemente (TEÓFILO, 1979: 237).

Porém, ele também realizava preces, dirigidas a São Sebastião, padroeiro da cidade, o advogado da peste, a quem a população de Maranguape recorria por socorro. Juntamente com o pai, o menino prometia ao Santo velas de cera branca, em troca da proteção e cura da família.

O cólera teria atingido indiscriminadamente ricos e pobres, “os enfermos foram abandonados, não só na choupana do desvalido, como na casa do abastado”, porém os

que dispunham de melhores condições financeiras deixaram a cidade, fugindo em direção à capital, Fortaleza.

Dr. Marcos José, embora “falho de conhecimentos sobre a patogenia do cólera”, trabalhava intensamente, até o momento em que foi vitimado pela doença. Todos da família foram afetados, exceto Rodolfo, que ficou responsável pelo cuidado de seus familiares, como é possível observar no trecho seguinte: “havia em casa dez doentes, e eu era o enfermeiro de todos, o criado dos próprios criados” (TEÓFILO, 1979: 238).

A hipótese para explicar a resistência do menino aos *micróbios do mal* é que o mesmo sentia constantes dores no estômago após as refeições, com as quais conviveu durante sua vida inteira. Como a bactéria causadora do cólera, o *vibrio colerae*, só alcança o intestino delgado e passa a produzir toxinas se vencer o conteúdo ácido do estômago, teria sido justamente a acidez estomacal de Rodolfo que o protegeu da doença. (TEÓFILO, 1979: 243)

O fato que mais marcou o menino, durante o período do cólera, foi o nascimento de sua irmã Maria, que veio a falecer no dia seguinte, e cujo sepultamento ficou sob sua responsabilidade. Rodolfo afirma que sentiu “por aquela algidez de carne morta uma repugnância que me arrepiou de medo e nojo”. A existência desta criança é motivo de controvérsia para os que estudam sua obra, pois é a única referência feita sobre Maria, o que ocasiona dúvidas se esta parte seria ficcional, escrita para proporcionar maior dramaticidade com a ida do menino ao cemitério.

Como era o único em condições de se locomover em sua família, Rodolfo recebeu a incumbência de realizar o sepultamento da irmã. Neste ponto, o autor descreve o cenário vislumbrado ao chegar às proximidades do cemitério local, onde cadáveres se espalhavam por chão afora, *uns já podres, apodrecendo outros*. Apavorado, o menino pensou em jogar o corpo de sua irmã em qualquer lugar, no entanto, ouviu passos de carregadores de defuntos carregando uma padiola². O som da padiola, *cantar agoureiro do veículo da morte*, era outro som que ficaria marcado em

² Padiola: maca usada para o transporte de enfermos e mortos.

sua memória, juntamente com as orações dos penitentes da Igreja de Maranguape (TEÓFILO, 1979: 239-242).

Ao descrever os carregadores de defuntos, Rodolfo aponta que todos estavam embriagados, era comum que os responsáveis pelos sepultamentos fizessem uso de bebidas para enfrentar a tarefa que anteriormente era realizada pelos familiares e amigos, em cumprimento aos rituais religiosos. Em período de epidemia ocorre a desorganização dos rituais funerários, e o que o autor denomina de *afeição*, era substituído pelo medo da morte e as pessoas procuravam evitar o contato com os corpos dos coléricos. Quanto aos familiares, em alguns casos, as famílias encontravam-se com todos os membros enfermos, assim a única possibilidade de enterro estava a cargo dos carregadores, porém a excessiva quantidade de óbitos impossibilitava que os sepultamentos fossem realizados, por isso alguns corpos eram apenas jogados sobre o chão do cemitério, à espera de sepultura.

Quanto às ações do governo da Província, o autor salienta o envio de um novo médico para a Vila de Maranguape, porém este veio a falecer de *cólera fulminante*. A cidade também se encontrava sem vigário, o que representava o desamparo espiritual para os enfermos. Este problema foi solucionado com a ida do Padre Galindo, que procurou resgatar a fé e elevar o ânimo da população, através de orações realizadas na Igreja Matriz, em cuja proximidade ficava a residência dos Teófilo.

Para o autor, o padre demonstrava boas intenções em seu proceder, porém apenas colaborava para o agravamento da epidemia, pois as pessoas estariam aglomeradas em um *não saneado recinto* e ouvindo pregações sobre castigos, que lhes abatiam o ânimo. Além destes fatores, as orações começavam *à hora das trindades*, ou seja, de manhã cedo. Horário que, conforme Rodolfo e as crenças religiosas, era considerado propício ao contágio e à tristeza.

As preces eram organizadas na seguinte ordem:

Depois do sermão, que constava sempre da enumeração das penas eternas, com um exagero dantesco, vinha o Ofício de Nossa Senhora, cantado por centenas de vozes de todas as alturas e timbres, com os falsetes do medo, e terminando-se pela – Senhor Deus misericórdia – súplica feita num ritmo pavoroso, por si só mais aterradora do que a mais tenebrosa idéia de castigo do inferno (TEÓFILO, 1979: 244).

Para o menino, as orações e o som da padiola – *ruído seco de madeira nova a se esfregar* - constituíam-se em maus presságios e permaneceram em suas memórias como símbolos da epidemia de cólera, que retornavam em forma de pesadelos.

Padres e médicos eram os profissionais mais requisitados em períodos epidêmicos, um para salvar o corpo e outro, tanto para interceder junto a Deus pela salvação do corpo, quanto da alma. O padre Galindo além de promover as orações, confissões e ministrar sacramentos, realizava sepultamentos para encorajar a população a fazer o mesmo e não abandonar os mortos ao desamparo, além de acreditar estar contribuindo para a extinção dos miasmas. Para tanto, o padre ainda fazia fogueiras nas ruas de Maranguape, na intenção de purificar o ar contaminado.

A segunda parte da obra é ficcional, e tem como cenário a mesma vila de Maranguape, porém se passa vinte anos depois, quando ele já adulto, retorna à cidade e ouve uma história *da bruteza humana*, que seu pai lhe havia proibido de tomar conhecimento quando menino. Trata-se de um caso em que o noivo tendo sido considerado morto, foi levado ao cemitério e abandonado sem ter sido sepultado, como vinha ocorrendo com vários corpos, por falta de pessoas dispostas a realizar tal tarefa. Os relatos de pessoas sepultadas ainda vivas circulavam no período da epidemia, consistindo em uma das questões mais temidas.

Devido à escassez de coveiros, foram enviados para Maranguape doze prisioneiros condenados para desempenhar esta função e em troca obteriam o perdão da justiça. Destes, dez teriam falecido e dois permaneceram vivos e foram os autores da cena que o ex-noivo relatou a Rodolfo, dando inclusive sentido ao título da novela *Violação*.

Após retirarem as joias da moça, os carregadores teriam decidido através de um jogo de cartas quem seria o primeiro a violentar o corpo da jovem, que outrora havia sido a noiva do homem que narrou a história a Rodolfo Teófilo, o noivo testemunhou tudo, porém sem forças sequer para pronunciar alguma palavra e impedir que o intento dos carregadores fosse concretizado. Depois o rapaz teria adormecido e ao acordar, sentindo-se mais forte, pôde caminhar e descobriu que os carregadores haviam falecido, inclusive estariam nus, o que representa a rapidez com que a doença agiu em seus organismos, ocasionando um ataque fulminante.

A descrição dos carregadores de defunto feita na obra, como *mestiços, de feia catadura e de uma carnação tão vigorosa*, demonstra o determinismo racial, presente nas discussões da época e inclusive na Faculdade de Medicina da Bahia, onde “os médicos procuravam entender o cruzamento racial como grave problema do Brasil, e concomitantemente, a sua suprema singularidade” (PINHEIRO, 2011: 92).

Rodolfo Teófilo, ao descrever estes homens como *dois monstros, cada qual mais repelente pela sua moral, mais imundo pelo seu físico, mais asqueroso pelos seus vícios*, apresenta os mestiços como sendo mais facilmente capazes de proceder de forma errada, relacionando aspectos físicos aos morais.

Desta novela emerge a sensação de impotência diante dos fatos, tanto por parte da população diante da doença, quanto do noivo diante da cena em que presenciou o cadáver de sua noiva ser violentado. A doença, enquanto algo passível de ser compreendido através da ciência teria agido de forma implacável, no entender do autor, por contar com o desconhecimento de suas verdadeiras causas por parte da medicina, e também devido a ignorância da população, relacionada à associação entre o cólera e a religiosidade.

8

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe reflexões acerca da epidemia de cólera na cidade de Maranguape - ocorrida em 1862 -, sob a ótica de Rodolfo Teófilo, um intelectual engajado nas lutas de sua época, que travava suas batalhas com o bico de pena. Ao analisar a obra foram surgindo várias questões sobre a vivência da epidemia na referida cidade, desde a busca pela salvação através da religiosidade, passando pelo medo evidenciado nas memórias do autor, até as condições de desorganização social por que passou a cidade, especialmente no que se refere aos sepultamentos.

A bruteza humana, como nos apontou o autor ganha mais força ainda na segunda parte da obra, com a violação do corpo de uma vítima da doença. Esta bruteza seria um reflexo das condições raciais de seus autores, conforme parte dos intelectuais consideravam naquele contexto, e não ficaria impune, tendo em vista que os autores do

delito foram castigados com ataques fulminantes da doença, e para conferir um caráter de maior dramaticidade à obra, caíram ao lado do corpo da vítima, todos despidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILHO, Cláudio Bertolli Filho. **História da Saúde Pública no Brasil**. São Paulo: Scpione.

NETO, Lira. **O poder e a peste**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1999.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolpho Teófilo: A construção de um romancista**. Fortaleza: 2011. UFC: Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada).

STUDART, Barão de. **Dicionário bio-bibliográfico cearense**. Fortaleza: Typo Lithographia a Vapor. s.d.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome/Violação**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.